

MARQUES, Lis Nasser. **Lilith aos olhos de [Miss]Cis.Genada**. Campinas: UNICAMP. Mestranda no Programa Artes da Cena IA – UNICAMP; Orientadora Verônica Fabrini Almeida. Bolsa Capes; mestrado. Atriz, Performer, no Coletivo Onírico de Teatro; Professora de Expressão Corporal no Curso Técnico de Dança - Escola de Artes Augusto Boal.

RESUMO

O presente texto traz uma análise do mito e do arquétipo de Lilith, sob o enfoque da psicologia analítica, do feminismo e do feminismo decolonial. Bem como explica como esse mito se insere no processo de pesquisa do projeto de mestrado [Miss]cis.genada - recriação mitológica da mulher brasileira: uma investigação em linguagem performativa. Uma vez que é por meio do contato com esses pensamentos que se cria o experimento cênico performativo realizado na comunicação no VII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas - 2018, que aqui é brevemente relatada e refletida. Para delimitação dos conceitos ligados a psicologia arquetípica utiliza-se os autores Jung, Hillman, Sicuteri e Diana Corso. Para os estudos de gênero e feminismo decolonial Judith Butler e Maria Lugones, para os procedimentos de criação, performance e teatro performativo Eleonora Fabião e Ileana Diéguez Caballero.

Palavras-chave: Mito. Feminismo. Performance. Processo de Criação. Teatro.

ABSTRACT

The present text brings an analysis of the myth and archetype of Lilith, under the focus of analytical psychology, feminism and decolonial feminism. As well as explaining how this myth is inserted in the research process of the master project [Miss] cis.genada - mythological recreation of the Brazilian woman: an investigation in performative language. Since it is through contact with these thoughts that the performative scenic experiment realized in the communication at the VII Symposium Contemporary Scenic Reflections - 2018, which is briefly reported and reflected here, is created. For the delimitation of the concepts connected to archetypal psychology the authors are used Jung, Hillman, Sicuteri and Diana Corso. For the studies of decolonial feminism and feminism Judith Butler and Maria Lugones, for the procedures of creation, performance and performative theater Eleonora Fabião and Ileana Diéguez Caballero.

Key-words: Myth, Feminism, Performance, Creation Process, Theater.

Meu projeto de mestrado em Artes da Cena, pela UNICAMP, propõe a investigação das tensões presentes nas construções de identidades das mulheres brasileiras contemporâneas, a partir da perspectiva do feminismo decolonial e dos estudos de gênero, por meio de uma abordagem teórico-prática em teatro performativo. No campo teórico, a pesquisa busca delinear tanto uma epistemologia, um modo de conhecer, quanto uma poética, um modo de fazer, apoiados na crítica feminista. No campo prático-experimental é realizado um processo de criação que tem como ponto de partida três arquétipos femininos presentes nos seguintes mitos: Yebá Buró, Lilith e Nanã Burucu, buscando-se referendar as três principais matrizes culturais do Brasil, sendo elas: indígena, europeia e africana.

Uma vez que tratamos de arquétipo e realizamos essa análise com base em alguns conceitos da psicologia analítica, faz-se necessária a delimitação dos mesmos. Segundo Jung (2002), o inconsciente coletivo, de forma bastante resumida, seria uma camada mais profunda da psique. Porém como o próprio nome diz, ele não é individual, é coletivo e pertence a todos os seres humanos, por tanto, possui conteúdos e modos de comportamento comuns a todos. Esses conteúdos do inconsciente coletivo ele designa como arquétipos. Os arquétipos são “tipos arcaicos ou primordiais, isto é, imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos.” (JUNG, 2002, p.16). O que encontramos nos mitos, seriam a expressão de arquétipos trazidos para o consciente, ou seja, conteúdos coletivos, originalmente providos pelo inconsciente, trazidos para o consciente e partilhados novamente com o coletivo.

Segundo Hillman (1984), criador da "psicologia arquetípica" pós-jungiana os arquétipos são estruturas básicas da imaginação, sua natureza fundamental só é acessível a imaginação e apresenta-se como imagem.

Esses conceitos de arquétipo e inconsciente coletivo nos trazem uma perspectiva dos mitos não apenas como expressões humanas, mas também como fontes de conhecimento, que apresentam de forma poética um imaginário coletivo, esse por sua vez, uma expressão de valores e crenças que ecoam na

forma como compreendemos e agimos no mundo desde a antiguidade até o momento presente.

Lilith é um mito de origem hebraica, está presente no Velho Testamento, de modo que tem grande influência da cultura cristã, que foi amplamente disseminada pelos europeus no Brasil. Sua ligação com a cultura cristã se dá da seguinte forma, o cristianismo é uma religião derivada do judaísmo, partilhando do mesmo o discurso mítico contido no Velho Testamento. Existem interpretações do Velho Testamento que entendem que Lilith, foi uma deusa adorada primeiramente pelo povo sumeriano, e posteriormente foi incorporada pelos hebreus, que a transformaram na primeira esposa de Adão.

A narrativa, segundo Sicuteri (1998), se dá da seguinte forma:

Há muito tempo atrás, Jeová deus criou a partir da poeira o homem, Adão e a mulher Lilith. Os dois viviam bem, até que um dia, Lilith recusou-se a deitar abaixo de Adão durante o ato sexual. Adão não gostou disso e lhe negou o desejo. Nesse momento, ela fugiu em direção ao Mar Vermelho, agora odiosa a seu esposo.

Jeová Deus proferiu sua ordem:

- O desejo da mulher é para o marido. Volta para ele.

Lilith não obedeceu, então a natureza de Lilith mudou no exato momento em que blasfemou contra deus, e deixou de obedecê-lo.

Então Jeová Deus mandou em direção ao Mar Vermelho uma formação de Anjos. Eles alcançam Lilith e acham-na nas charnecas desertas do Mar Árabe, onde a tradição popular hebraica diz que as águas chamam, atraindo como imã, todos os demônios e espíritos malvados. Lilith se transformou, não era mais a companheira de Adão. Tornou-se o demoníaco manifesto. Os anjos com a chama e a espada fulgurante gritavam a Lilith a ordem de voltar para junto de Adão pois, se não o fizesse, seria afogada. Mas Lilith, no fundo, já estava amarga como o absinto. E negou o conselho dos anjos.

Eles voltam ao Éden, mas Jeová Deus já havia decidido punir Lilith exterminando seus filhos. Lilith, acasalando-se com os diabos, gerava cem demônios por dia, os quais eram chamados Lillim. Os pequenos demônios

foram mortos pela mão implacável de Jeová Deus. A este cruento extermínio, se opõe uma vingança de Lilith, ela mesmo enfurece seus próprios filhos, ou melhor, ajudada por um outro demônio feminino, segue por todo lugar estrangulando de noite as crianças pequenas, ou surpreende os homens no sono induzindo-os a abraços mortais.

Assim nos é apresentada na tradição hebraica a história de Lilith. O mito de Lilith, de origem provavelmente Sumeriana, até chegar a nós vai sendo relido, passa pelos Hebreus, que possuem uma versão apresentada no Velho Testamento; e também pelos católicos, uma vez que o mito de Adão e Eva, contido no Novo Testamento pode ser compreendido como uma releitura do mito de Lilith com, diríamos, algumas supressões estratégicas. No mito de Adão e Eva, Lilith passa a ser associada à figura da serpente que convenceu Eva a comer o fruto proibido; sendo Eva, e não mais Lilith, a primeira mulher. Eva é criada, não a partir da poeira como Lilith, mas da costela de Adão. Ela é criada por que Adão se sente sozinho, ou seja para servi-lo.

Lilith ao ser revisitada e interpretada pelo viés da psicologia analítica, por Roberto Sicuteri (1998), no livro “Lilith a lua negra”, passa a ser entendida como um contraponto à figura de Eva, simbolizando o poder e a independência da mulher e representando a primeira reação feminina ao domínio masculino. Mas principalmente como o aspecto sombrio do feminino negado.

Os mitos dentro do contexto arcaico e religioso, possuem um valor de exemplo, são como conselhos de como devemos nos comportar em diferentes situações, acredito que ao lermos essa versão do mito hoje, é fácil perceber qual era o conselho dado às mulheres que não obedeciam seus maridos ou mesmo ao deus patriarcal e bíblico, entretanto, como na grande maioria dos mitos, existe aí uma ambiguidade, onde a própria existência de uma figura feminina que se opõe às vontades patriarcais, de seu marido e do próprio deus, seguindo seus próprios desejos e exercendo seu poder, mesmo que demonizada, é uma existência significativa. Que como observamos, se perpetua enquanto influência em nosso imaginário coletivo.

Foi essa insurgência de Lilith ao patriarcado que de forma bastante instintiva me atraiu. Essa figura feminina que deseja, pensa e age de forma

independente. Entretanto, com um olhar um pouco mais aprofundado sobre o mito percebo que a questão central apresentada por ele traz essa dualidade, nele está contida não apenas a independência mas também a própria relação de submissão da mulher para o homem. Essa dualidade mostra também as cisões, a percepção da raça humana, dela mesma e do mundo por oposições. O mito apresenta essas duas figuras primordiais, ou seja, os primeiros seres da raça humana que existiram, de forma radicalmente binária, entre Adão - o homem e Lilith - a mulher não existe nenhuma nuance. Nenhum ser andrógino um Lilião ou Adãlili são apresentados, acredito que eles sempre existiram, apesar da visão binária homem e mulher permanecer como majoritária até os dias de hoje.

Segundo Butler (2014) esse binarismo (homem-mulher) é constituído culturalmente, ou seja, também está atravessado por nossa imaginação, subjetividade e diferentes percepções do outro e de nós mesmos. O que nos leva a perguntas como: O que esse binarismo tem a ver com o patriarcado? De que modo é sustentada então a submissão de um ao outro? Porque a mulher passa ser compreendida como inferior ao homem?

Segundo Yung (2002) nossa consciência não existe sem a diferenciação de opostos, as oposições são inerentes à nossa percepção. Está na forma como percebemos o mundo; a claridade e a escuridão, longe e perto, direita e esquerda, em baixo e em cima, dentro e fora, eu e o outro; às oposições nós associamos valores também antagônicos como bom e mal, bonito e feio, superior e submisso.

Então passamos da percepção ao julgamento, como tentativa de compreender aquilo que a nós cerca e aquilo que somos. É por meio dessas perguntas existenciais que se apresentam oposições fundamentais para as questões levantadas acima tais quais: Eu e o Mundo, Eu e o Outro. Essa relação será debatida por Franklin Leopoldo e Silva, professor de história da filosofia contemporânea da USP, em um pequeno vídeo¹ do canal Casa do Saber, ele fala sobre Ego e Distanciamento para Emmanuel Lévinas. Esse

¹Canal do You Tube “Casa do Saber”, vídeo: Lévinas: Ego e Distanciamento/Franklin Leopoldo e Silva. Publicado em 24 de Abril de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uxWBzOVQ6-o> Acessado em 05/04/2018.

Filosofo francês, compreende que o pensamento ocidental, tendo como referência a da filosofia grega, se desenvolve enquanto discurso de dominação. O Ser dominou durante a Antiguidade e a Idade Média, e em seguida é substituído pelo eu (Ego) desde a época moderna até à atualidade, no entanto sempre sob o mesmo prisma, o da unidade unificadora e totalizante que elimina o confronto e a valorização da diversidade, compreendida como abertura para o Outro. Para entender o que eu sou, eu tomo como referência aquilo que penso que sou, eu mesmo definindo o que é o Outro. O contrário disso seria: para entender o que sou, eu tomo como referência aquilo que não sou, ou pelo menos que acredito não ser, o Outro. Essa segunda alternativa seria compreendida enquanto uma filosofia da alteridade. Que segundo Silva, é ainda incipiente.

Considerando o primeiro modelo, que possui o Eu como centro, entende-se que para criar um Eu que seja aceitável e justificável para mim, posso, sem nem me dar conta disso, fazer associações que me parecem pertinentes, criando um Outro antagônico a mim mesmo, onde Eu sou o bom e o Outro é o mal, por exemplo. É o que acontece em qualquer movimento discriminatório (racismo, nazismo, machismo). Como não poderia deixar de lembrar como disse Simone de Beauvoir (1961) a mulher é o Outro. Em nossa cultura hegemônica patriarcal, Lilith é o Outro, ou seja ela é a expressão de um imaginário masculino.

Quando nascemos as associações e valores que a nós são atribuídos, ou seja, que se referem aquilo que somos ou que pensamos que devemos ser, já estão, em alguma medida, dados por nossos antepassados. São valores, imagens, características que, na maioria das vezes, não são criadas por cada um de nós, e em grande parte perpetuadas durante milênios!

Os mitos retratam essas imagens e nos ajudam a compreender como criamos o que somos. Uma vez que, aquilo que imaginamos e acreditamos passa delimitar o modo como agimos. Por exemplo, se eu acredito que a mulher é submissa ao homem, eu a tratarei como tal, ou enquanto mulher eu me colocarei nesse lugar de submissão.

Como disse anteriormente, meu projeto de pesquisa e criação reflete as tensões presentes nas construções das identidades das mulheres brasileiras, por tanto o arquétipo de Lilith, no interior de minha pesquisa, é escolhido para refletir sobre as mulheres brasileiras contemporâneas brancas de origem europeia. Por conta do processo de colonização, que por meio do domínio e da opressão impõe sua cultura, a visão sobre o feminino, apresentada por meio do arquétipo de Lilith, influencia grande parte das mulheres brasileiras contemporâneas, não apenas as brancas ou as que possuem alguma descendência europeia. Uma vez que, essa se impõe como uma cultura hegemônica.

De modo que é por meio dos católicos portugueses, colonizadores do Brasil, que os princípios morais contidos no mito de Lilith nos são deixados como herança cultural. Os católicos possuem uma forte influência da cultura grega clássica, especialmente da filosofia, essa teve uma influência sobre o Império Romano, que à disseminou ao seu modo para a Europa.

O pensamento teológico e a visão global, filosófica e moral, além de antropológica, da área ocidental, exprimem uma trágica fenda. A civilização espiritual europeia saiu da fusão de componentes bíblico-judaicos e da especulação grega, sustentada por fundamentos jurídicos romanos. Mas tal encontro manteve a cisão do arquétipo da Unidade. É sem dúvida motivo para arrepios sentir que o homem ocidental não tem olhos para ver nem ouvidos para ouvir. A mediação entre Bíblia e Grécia não teve outro efeito a não ser aprofundar o equívoco e, seriamente, a perda da alma total. (Sicuteri, 1998, p.50)

Mas como será que isso aconteceu? O que fez com que nos perdêssemos essa visão integrada do mundo? Passando a diferenciar e inferiorizar a mulher?

Segundo Hillman (1984) Aristóteles, filósofo da Grécia clássica oferece o primeiro argumento cuidadosamente elaborado de nossa tradição em favor da inferioridade feminina. Ao explicar a geração dos seres humanos, Aristóteles irá dizer que a menstruação é uma matéria passiva, que se torna ativa pelo encontro com sêmen, este sim o verdadeiro princípio gerativo e formativo, sendo a menstruação (notem que não se falam de óvulos, eles não haviam sido descobertos ainda) uma matéria prima, a nutrição e o local para

desenvolvimento do embrião. Ao que ele complementa com a teoria do sêmen, cuja a qual esclarece que o sêmen é um sangue que passou pela *pepsis* um processo de digestão ou cozimento, por esse processo ele é superior ao sangue da menstruação. Isso acontece porque o feminino é o sexo mais frio, não possui calor o suficiente para realizar tal processo, logo a contribuição do sexo feminino é inferior! Desde então a mulher e o feminino passam a estar associados a matéria e o homem e o masculino ao espírito. Uma vez que o espírito é o que confere vida à matéria ele é compreendido como superior a mesma, de modo que o homem é superior a mulher.

Observem como essa explicação sobre a procriação humana é construída por meio de uma lógica que percebe oposições e associa as mesmas lhe atribuindo valores. Mulher - Menstruação – Matéria Prima — Corpo e Materialidade – Inferioridade X Homem -Sêmen – Princípio Gerador – Espírito – Superioridade.

Hoje com o desenvolvimento da ciência sabemos que não é bem assim que uma vida é gerada... Mas ainda assim sustentamos as associações muito antigas que nos conduzem a entender o mundo por meio de uma visão maniqueísta. A discussão proposta por Hillman aponta para a influência de nossa imaginação na construção do conhecimento,

[...] a formação da teoria é, portanto, tão livre e fantástica como a imaginação; talvez seja menos limitada pelos dados da observação do que pelos dominantes arquetípicos apriorísticos da imaginação, pré-formações de ideias que agem como concepções capazes de determinar de que modo e o que se observa.

A fantasia intervém especialmente onde falta um conhecimento exato; e quando a fantasia se intromete, torna-se particularmente difícil chegar a um conhecimento exato. Forma-se assim um círculo vicioso e mítico que usurpa a formação da teoria; além disso, a fantasia encontra provas do mítico, nos fatos. Ver é acreditar, mas acreditar é ver. Vemos aquilo em que acreditamos e demonstramos nossas crenças com que vemos. (HILLMAN, 1984, p.195)

Essa ideia de conhecimento exato, formado pela observação, apresentada por Hillman, alinha-se com o pensamento positivista, que possui uma perspectiva onde não se considera a influência das observações e valores do pesquisador no processo de construção de conhecimento, estando pesquisador e objeto de estudos separados, aqui ele aponta justamente essa

impossibilidade, uma vez que, sem perceber, preenchemos as lacunas daquilo que não compreendemos com aquilo que imaginamos, com nossas crenças. E assim muitos valores são perpetuados sem que necessariamente sejam questionados.

Criei uma tabela, onde faço algumas oposições e associações ou equivalências, que em minha observação pessoal, são pertinentes ao imaginário do senso comum, daqueles que fazem parte do meu contexto cultural, de país patriarcal, colonizado do ocidente. Na tabela temos nas linhas horizontais os opostos, lidos nas linhas verticais eles tornam-se associados entre si. De modo que:

BOM	MAL
SUPERIOR	INFERIOR
CLARO	ESCURO
ALTO	BAIXO
ESPIRITO	MATÉRIA
INTELECTUALIDA DE	SEXUALIDA DE
MENTE	CORPO
CIVILIZAÇÃO	NATUREZA
RAZÃO	EMOÇÃO
HOMEM	MULHER
MASCULINO	FEMININO ²

²Coloco propositalmente as cores, azul para masculino e rosa para feminino, bem como o amarelo e o vermelho, a coloração possui o intuito de lembrar também as associações simbólicas entre as cores e os gêneros, essas associações e valorações das cores podem ser ambivalentes e variam de cultura para cultura e o mesmo acontece com as direções (em cima, em baixo, esquerda, direita). Elas servem como ótimo exemplo de como nosso conhecimento é permeado de fantasias e imaginação. HILLMAN (1984), nesse mesmo capítulo sobre a feminilidade psicológica, trata do simbolismo do branco e do vermelho. Associações criadas para sêmen e sangue, masculino e feminino.

No mito de Lilith, a figura feminina é apresentada com muitas dessas características que eu coloquei no lado direito da tabela, a seguir, irei discorrer sobre algumas delas. E como por meio dessa lógica positivista que herdamos elas perpetuam crenças, valores, cultura, modos de vida.

Em primeiro lugar de forma bastante clara o mito coloca que a mulher é INFERIOR ao homem; coloco essa questão em primeiro lugar, porque ela é central para mim, e acredito que também seja a questão central do feminismo e do mito aqui analisado. Lilith e sua continuidade através de Eva, é uma explicação para a inferioridade feminina. Ou seja essa inferioridade está presente, em nossa cultura, em nosso imaginário, explicitado aqui por esse mito original, é no próprio surgimento da mulher que se “explica” a sua inferioridade em relação aos homens.

Lilith é criada, assim como Adão a partir da poeira, porém é inferior tanto à Adão como à Deus³. Já que deve obedecer e subjugar os seus desejos aos deles. Se Adão não quer fazer sexo com ela por cima (notem aqui também o simbolismo das posições de poder), ela deve obedecer ao desejo dele, se não obedece é banida do Éden e vira um ser demoníaco, do mal, a serpente que seduz Eva. Esta por sua vez é criada por Deus a partir da costela de Adão, ela sai dele, portanto é dependente e submissa a ele, e é lida como a primeira esposa de Adão, a oficial, a mãe da humanidade. Para finalizar o quadro trágico de culpabilização feminina, a serpente (interpretada por muitos como a própria Lilith) seduz Eva a comer o fruto proibido do conhecimento do bem e do mal, Eva por sua vez seduz Adão, o que leva toda raça humana perdição. No fruto do conhecimento do bem e do mal, novamente se apresenta de forma simbólica a ideia de dualidade.

³ Nesse contexto, Deus pode ser compreendido como uma figura masculina, pois para os cristãos, ele é o Pai e está associado ao seu filho Cristo.

Sabemos por dados históricos, que a submissão ao pai (Deus) e ao marido (Adão) foi realidade de muitas mulheres no mundo todo, e não seria diferente com as primeiras mulheres brasileiras, a submissão das mulheres brancas ao pai e posteriormente ao marido vem importada da Europa, por meio dos colonizadores. Quanto a inferioridade das mulheres indígenas e negras, segundo Lugones (2014) além da relação não ser dada entre parentesco ou casamento e sim a submissão à opressão daqueles que às escravizaram, elas nem mulheres eram consideradas, mas sim animais. Seguindo o pensamento de Beauvoir, poderíamos dizer que, se para o homem branco europeu a mulher é o outro, para esse mesmo homem as mulheres negras e indígenas seriam o outro do outro, ou ainda pior, ninguém.

Em segundo, a mulher está associada à SEXUALIDADE, coloco esse ponto em segundo lugar porque, nesse momento, entendo que é a partir dele que se desdobram possíveis respostas para minha pergunta central, e tema central do mito de Lilith, a inferioridade feminina.

Lilith é um arquétipo geralmente apresentado na imagem de uma mulher jovem e sensual, apresentada como a primeira esposa de Adão, a serpente que enganou Eva, o demônio da luxúria. A relação entre Adão e Lilith no mito é a sexual, na história não é apresentada uma discordância filosófica entre os dois mais sexual. Já foi apontado, mas aqui é importante lembrar que esses valores aqui discutidos, foram instituídos pela perspectiva de uma visão dominante, portanto hegemônica, daqueles que nesse determinado contexto detinham o poder, ou seja esse seria um conhecimento e também um imaginário produzido pelos homens heterossexuais, sendo bem didática, homens que faziam sexo com mulheres. Essa associação *mulher e sexo* tende a revelar uma percepção das mulheres enquanto objetos a serem possuídos sexualmente e não enquanto seres humanos com os quais eles se identificavam e podiam trocar, ou seja o sexo não é algo que duas pessoas fazem mas algo que se faz com as mulheres, ou ainda pior, para o que as mulheres servem.

Segundo Martin Buber, autor de *Eu e Tu*, uma das maiores obras filosóficas acerca da convivencialidade, o homem tem duas atitudes diante do mundo: *Eu-Tu* e *Eu-Isso* (...) O *Isso* é um objeto. Se a presença desse *Outro* não for considerada

como um Tu, não haverá relação, e esse Outro, agora um Isso, estará na condição de objeto. O outro tornado um isso estará a serviço da projeção do desconhecido em mim. (FUENTES LYGIA, 2014, P.181)

Essa relação Eu - Objeto, também revela a associação da mulher com o CORPO e com a MATÉRIA. E é também na materialidade do corpo que se apresenta de forma mais direta aquilo que diferencia o homem da mulher, se hoje, após a Judith Butler compreende-se, porém não de forma majoritária, que gênero e sexo são distintos, o contrário se dá na cultura que funda a própria noção que temos do que é ser mulher. Para visão hegemônica, ser mulher é ser corpo, e isso se reflete, por exemplo, no fato de que os homens não são estimulados ou criados a se preocuparem com sua aparência física, enquanto a qualidade mais desejada e reconhecida nas mulheres é a beleza. E mesmo que isso aconteça com os homens a intensidade com que isso será cobrado e valorizado nas mulheres será sempre maior.

Para Simone de Beauvoir (1961), a relação heterossexual, de certo modo, sustenta a condição de opressão sofrida pelas mulheres, uma vez que a ligação que possuem com seus opressores não é comparável a nenhuma outra, “ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro” (BEAUVOIR, 1961, p.14). Talvez por isso demoramos tanto tempo a dizer nós não queremos mais ser o outro.

É também na relação Eu-Isso, Mulher = Objeto, que está calcada a violência contra as mulheres, que ao serem objetificadas tornam-se passíveis de serem usadas, trocadas, violentadas, assassinadas. A violência contra as mulheres não é apenas uma realidade no Brasil, mas no mundo todo.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), estima-se que 35% das mulheres em todo o mundo já tenham sofrido qualquer violência físico e/ou sexual praticada por parceiro íntimo ou violência sexual por um não-parceiro em algum momento de suas vidas. Ao mesmo tempo, alguns estudos nacionais mostram que até 70% das mulheres já foram vítimas de violência física e/ou sexual por parte de um parceiro íntimo. (Dados coletados no site <http://www.compromissoeatitude.org.br/alguns-numeros-sobre-aviolencia-contra-as-mulheres-no-mundo/> acessado em 29 de março de 2018.)

Dessas 70% de Brasileiras, a maioria é de mulheres negras, e não há como negar a relação entre esse dado e o processo de colonização que coloca as mulheres negras no lugar de animais. Mulheres Negras e Brancas e Indígenas têm sido sistematicamente violentadas, física, psicológica e sexualmente.

Nesse contexto cultural do ocidente, cujo qual já delimitamos, e pelo qual o mito de Lilith chega até nós, o sexo é compreendido como algo carnal, que afasta os homens da espiritualidade, um pensamento da filosofia grega clássica que compreende, matéria e espírito enquanto opostos, quanto mais você se aproxima de um, mais você se distancia do outro. Como acabei de dizer a mulher é associada ao sexo, logo a carne, à matéria, de modo que estaria mais longe da espiritualidade, mais longe de Deus, como fica a própria Lilith banida no Mar Vermelho. Ela se torna, para os homens que acreditaram nisso, basicamente uma tentação ambulante. Fica fácil compreender como a mulher (Lilith) se torna uma demônia para eles.

Hillman, sem falar necessariamente sobre o mito de Lilith, condensa tudo isso que foi dito até aqui, quando coloca:

Enquanto o físico representar o feminino, o físico continuará recebendo projeções antifemininas. Isto nos é bastante familiar através da tradição frequentemente condensada na palavra "maniqueísta" que afirma que matéria, mal, obscuridade e fêmea são conceitos intercambiáveis. (HILLMAN, 1984, P.194)

Por esse mesmo motivo, entende-se que a mulher é vista como um ser INSTINTIVO, que age sem razão, levada por desejos, EMOÇÕES e necessidades fisiológicas, para tais "criadores", a razão era superior a todas essas qualidades, e estava associada à eles mesmos, os homens. Desse modo, Lilith pode ser lida como uma mulher que além de sexual, carnal é também impulsiva, emocional e drástica em suas atitudes, ela parte sem olhar para trás, ela seduz e mata, sem medir consequências.

Tenho notado o quanto essa leitura se reproduz até hoje. Quando nós mulheres questionamos, reivindicamos, nos posicionamos, estejamos ou não tomadas por emoções, frequentemente somos compreendidas como loucas,

históricas⁴, exageradas. Isso faz parte de um questionamento sobre nossa razão. E quando digo razão isso tem vários sentidos por exemplo o de estar correto: “Ela não tem razão, não é bem assim.” ou no sentido de racionalidade, de capacidade em perceber uma situação que está relacionada com nossas emoções, mas que vai para além delas: “Ela está muito brava, não enxerga a realidade”. Isso geralmente não acontece com um homem, sua capacidade racional dificilmente será questionada, caso ele se demonstre emotivo, como bravo por exemplo, isso será motivo para reforçar sua razão: “Ele está muito bravo, deve ser realmente algo importante o que está dizendo.”

É também, essa construção simbólica e imaginal que cria o estereótipo onde as mulheres são vistas como emocionais e os homens como racionais que afeta diretamente aos homens, uma vez que as emoções são associadas à fraqueza, à loucura, à feminilidade, “um homem que chora é uma mulherzinha” ou seja, ser feminino é negativo, ser emocional é feminino, logo ser emocional é feminino e negativo⁵

Outra explicação para inferioridade feminina estaria na dualidade mais perturbadora aos humanos, aquela que não podemos controlar nem explicar por completo, a MORTE e a VIDA. Em sua palestra “O insuportável do corpo feminino”⁶ no programa Café Filosófico a psicanalista Diana Corso apresenta a figura da mulher fortemente associada a vida e a morte. Por sua capacidade de gestar, parir e amamentar e por cuidar daqueles que estão à beira da morte, preparar seus corpos para os processos funerários e capacidade polêmica até hoje: abortar...⁷ A tentativa de controlar as mulheres é entendida por alguns

⁴ Segundo Hillman (1984). A histeria foi considerada uma enfermidade exclusiva das mulheres. Associada primeiramente ao útero, e mesmo depois que compreendida enquanto doença psíquica continuava sendo considerada como uma doença feminina. Ele ainda reitera que esse diagnóstico foi comprovadamente misógeno, e associava às mulheres a doentes, fracas e loucas.

⁵ O filme documentário “The Mask You Live In” da diretora Jennifer Siebel Newsom, por meio de depoimentos e entrevistas com especialistas, apresenta a opressão sofrida pelos meninos em relação a suas emoções, e nos mostra um quadro onde apenas a agressividade e a violência são aceitas como expressão das emoções masculinas; o que também nos leva a compreender de onde vem a violência sofrida pelas mulheres. O filme citado pode ser acessado em www.netflix.com

⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oHiLo8nTyT0> > acessado em 25/02/2018.

⁷ Polêmica e secular a questão do aborto está presente desde a antiguidade, já que sempre foi proibida por grande parte das religiões, até hoje, quando em um estado que se considera laico, como é o caso do nosso, ele ainda é considerado um crime. Recentemente, no Brasil, está em

psicanalistas como uma tentativa de controlar a vida e a morte e o medo que sentimos disso.

De modo geral, segundo essa visão da psicologia analítica, essa visão cindida do masculino e feminino coloca a mulher na sombra, e essa sombra é negada ao invés de aceita e acolhida. Fazendo com que a compreensão de uma totalidade, ou unidade, onde feminino e masculino possam ser compreendidos enquanto características presentes tanto nos homens quanto nas mulheres (Anima – Animus) torne-se cada vez mais distantes.

Joseph Campbell diz que “o Jardim do Éden é uma metáfora para aquela inocência que desconhece o tempo, desconhece os opostos e vem a ser o centro primordial a partir do qual a consciência se dá conta das mudanças” (CAMPBELL, 1990, p.53). Quando Adão e Eva comem o fruto do conhecimento e são expulsos do Éden passam a ter a consciência de si mesmos, de suas identidades e dualidades o que lhes causa MEDO!

Ao que ele complementa dizendo:

[...] tudo na esfera do tempo e espaço é dual. A encarnação aparece ou como macho ou como fêmea, e cada um de nós é a encarnação de Deus. Você nasce com apenas um aspecto de sua dualidade metafísica. Isso está representado nas religiões dos mistérios, em que o indivíduo progride através de uma série de iniciações, que abrem o seu interior para uma profundidade de si mesmo cada vez maior, até que chega um momento em que se dá conta de que é, ao mesmo tempo, mortal e imortal, macho e fêmea. (CAMPBELL, 1990, P.52)

Ao adquirirem a consciência do eu e perceber as oposições os humanos passam também a se sentirem apartados da natureza. Como se não fizessem mais parte dela. Não há nada na natureza que se pareça mais com uma mulher do que um homem e vice-versa! Assim como não existe nenhum humano sem razão ou emoção, sem corpo ou espírito, que seja sempre bonzinho ou sempre malzinho, não existe ninguém completamente feminino ou masculino.

processo a PEC - Proposta de Emenda à Constituição- 181. Atualmente são permitidos abortos no país nos casos o de estupro, em que a vida da mãe corre perigo ou em casos de fetos com anencefalia. A PEC 181 propõe uma redução ainda maior dos direitos abortivos, colocando em risco esse direito até nesses casos. As mulheres do Brasil e do mundo seguem lutando pelo direito de abortar, e seguem abortando ilegalmente, em condições precárias, principalmente as mais pobres. De algum modo está, simbolicamente, no mito de Lilith, que aparece matando crianças pequenas nas noites sombrias.

Tudo isso me faz pensar que talvez a origem de tantos conflitos entre nós homens e mulheres, esteja em nossa dificuldade de perceber as nuances entre as dualidades, e a dificuldade que temos em atualizar os conhecimentos, crenças e concepções culturais que criamos por meio de oposições associadas, sobre os quais discorri até aqui como: mulher e homem, matéria e espírito, mal e bem, emoção e razão, natureza e humanidade, morte e vida.

Alguns podem pensar que as questões abordadas aqui são muito antigas, ultrapassadas, e em alguns âmbitos talvez o sejam. Porém Hillman (1984) coloca que mesmo com diversos avanços científicos como as teorias da matéria, da relatividade de matéria dentre outras, o que está na base consciente e inconsciente do coletivo e que portanto projeta suas atitudes são esses mesmos valores de outrora, em resumo posso achar linda a física quântica mas na hora do vamos ver a mulher continua sendo compreendida como o oposto radical do homem, como um ser mais instintivo, emocional e de capacidades físicas e intelectuais reduzidas. Ou seja a ciência, sozinha, não dá conta de transformar os paradigmas culturais que definem as relações de gênero.

Para Campbell, não há conflito entre ciência e mitologia pois,

Ciência é abrir caminho, agora, na direção das dimensões do mistério. Assim ela se aproxima da esfera de que fala o mito. Chega ao limiar (...) o limiar é a superfície comum ao que pode ser conhecido e ao que nunca será descoberto, porque é um mistério que transcende todo o esforço humano (Campbell, 1990, p.140).

Aquilo que não se alcança, nós inventamos, nós criamos, e uma vez que o fazemos isso passa a existir. Em um dia, há mais de 2018 anos atrás, um grupo de pessoas imaginou e criou o mito de Lilith, de Adão e de Eva esses mitos chegaram até nós, por meio das religiões e assim nos influenciaram de forma muito intensa, constituindo uma parte importante do que somos. Agora cabe a nós nos reimaginar e recriar um imaginário que esteja mais atualizado com nossas descobertas e experiências.

É em direção a essa recriação que, como uma formiguinha trabalhadeira, realizo o experimento cênico performativo: [Miss]cis.genada aos

olhos de Lilith. Para tal, utilizo como procedimento o programa performativo, esse termo foi criado por Eleonora Fabião, performer e pesquisadora. Nas palavras da própria autora:

Chamo as ações performativas programas pois [...] esta me parece a palavra mais apropriada para descrever um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada à cabo, e que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não será previamente ensaiada. Performar programas é fundamentalmente diferente de lançar-se em jogos improvisacionais. O performer não improvisa uma ideia: ele cria um programa e programa-se para realizá-lo (FABIÃO, 2008, p. 4).

Elegi, desde o início do projeto o programa performativo como procedimento de criação. A escrita de um programa já é uma ação, uma performance em si mesma, de modo que pode ser feita para ser realizada ou não. Um programa escrito, ao ser realizado, possui margens abertas para o imprevisível, ele vai para além da escrita, a ação parte do que foi programado, mas se abre para o que é também fruto do instante. O programa também pode ser um presente para alguém, ou pode ser uma ação/escrita coletiva.

A seguir apresento os Programas escritos com inspiração no mito de Lilith, bem como nas reflexões apresentadas até aqui.

LILITH I

1. Estando nua subir em uma árvore
2. Estando frágil encontrar poder e prazer
3. Fazer anotações sobre a experiência

O primeiro programa não foi realizado, para mim, ele teve a função de aquecimento imaginário, quando de forma não intencional eu já crio uma primeira imagem e nela, me coloco no lugar de Lilith/Eva.

O segundo programa foi a tentativa de uma organização das muitas imagens e sensações que tive ao estudar as perspectivas da psicologia analítica apresentadas na primeira parte desse texto. Além desse segundo programa, também fiz uma lista de palavras e escrevi um poema,

LILITH II

1. Escolher uma árvore próxima à sala de comunicações e enfeitá-la com os frutos do desconhecimento (maças-do-amor)
2. Vestida de nua subir na árvore
3. Estando frágil, encontrar poder e prazer
4. Quando chegarem as pessoas, contar a história de Lilith em

primeira pessoa.



Registros do Programa Lilith II, realizado na comunicação do VII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas – 2018. Arquivo Pessoal.



Registro do Programa Lilith II, realizado na comunicação do VII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas – 2018. Arquivo Pessoal.

Lilith

Minha filha morre a cada mês,
Quando meu sangue quente e fértil escorre pelas minhas pernas.
Minha filha morre a cada gravidez,
Quando deixo de ser filha para ser mãe.
E essa morte eu vivo em um ciclo infinito.

Minha filha morre, quando sou rica e após um procedimento estéril,
clínico e muito caro, eu tomo um suco de laranja orgânica e choro sua
morte.

Minha filha morre, quando sou pobre e teço o crochê de minhas vísceras
e choro sua morte.

Minha filha morre quando tenho 16 anos e me torno mulher, mesmo
contra minha vontade.

Minha filha morre quando tenho 30 anos e ainda não pari.

Minha filha morre quando verto as últimas gotas de meu sangue e meu
corpo queima até secar.

Minha filha morre quando meus cabelos brancos do púbis ainda se
molham.

Minha filha morre quando meu seu corpo encontra a terra e se desfaz no
abraço materno dela.

É por isso, que o corpo feminino da minha filha não te agrada, não

importa a forma que ela tenha!

Porque minha filha gorda morre,

Minha filha magra morre,

Minha filha de belos cachos morre,

Minha filha branca morre,

Minha filha negra morre,

Minha filha índia morre.

E a morte de minha filha eu carrego no meu corpo;

Nos meus seios cheios de leite,

Nos meus seios duros, nos meus seios fartos, nos meus seios caídos,

Nos meus seios Meus!

Então simplesmente não me digam o que devo fazer do meu corpo, da
minha vida, da minha morte. Porque vocês não morrem e renascem todos os
meses como eu.

Lista de Palavras

Volúpia – Vampira – Lua Negra – Lua Nova – Noite – Súcubo – Puta – Medo –
Sombra - Meretriz – Bruxa – Demônia – Serpente – Árvore – Morte – Vida –

Enterro – Terra – Água - Matéria – Corpo – Animal – Sangue – Vinho – Maça – Vagina – Vermelho – Natureza – Saliva.

O Programa Lilith II foi realizado em minha comunicação no VII Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas – 2018. Como feminista e mulher, me pareceu pertinente que Lilith pudesse contar sua própria história. Uma vez que sua existência, é praticamente o símbolo da repressão do feminino, tanto no interior dos próprios homens como na opressão praticada em relação às mulheres.

Entendo a performance como a realização de uma experiência, nesse caso, uma experiência artística inserida em um contexto onde minhas relações com meu tempo e meu espaço serão potencializadas. Desse modo, pretendo trazer as conexões entre arte e vida para o campo da pesquisa, revisando assim o conceito de Programa Performativo em seu cruzamento com o conceito de teatralidade liminar, desenvolvido por Ileana Diéguez Caballero (2011).

Caballero utiliza o termo teatralidade, e não teatro, uma vez que o segundo não abrange mais muitas das ações cênicas que se realizam na atualidade. Tais ações estariam mais próximas do campo da performance. O conceito liminar advém do trabalho do Antropólogo Victor Turner, que identifica a liminaridade "(...) em situações ambíguas, passageiras ou de transição, de limite ou fronteira entre dois campos." (CABALLERO, 2011, P.36). Turner identifica essas situações como recorrentes tanto nos rituais, como nas artes, e lhes atribui 4 condições:

1) a função purificadora e pedagógica ao instaurar um período de mudanças curativas e restauradoras; 2) a experimentação de práticas de inversão - "o que está acima deve experimentar o que está embaixo" e os subordinados passam a ocupar uma posição proeminente (Idem, p. 109); como consequência as situações liminares podem transformar-se em situações arriscadas e imprevisíveis ao outorgar poder aos fracos -; 3) a realização de uma experiência, uma vivência nos interstícios dos dois mundos; 4) a criação de communitas, entendida esta como uma anti-estrutura na qual se suspendem as hierarquias, como "sociedades abertas" onde se estabelecem relações igualitárias, espontâneas e não racionais. (CABALLERO, 2011, P.37)

É também Turner que identifica a Performance enquanto experiência,

Para Turner, em qualquer tipo de performance cultural - o ritual, o carnaval, a poesia ou o teatro - ilumina-se algo que pertence às profundezas da vida sociocultural, explica-se algo da vida mesma. Neste sentido toda expressão performativa está em relação ou 'exprime' uma experiência. Por isso a volta à etimologia da denominação performance derivada do francês antigo *parfournir* - realizar ou completar – concebendo então a performance como a realização:" de uma experiência (TURNER, 2002, p. 80). Apud (CABALERRO< 2011, P.39)

De modo que, em minha pesquisa a escrita e a realização dos programas se dá como forma de tecer uma reflexão poética sobre os mitos, recriando imagens e inventando um imaginário sobre a mulher brasileira, bem como, experienciar o imaginado e aumentar o campo de potência entre o imaginado e o vivido.

Lilith – eu, ao contar sua própria história quebra um paradigma, uma vez que ela, como vimos anteriormente, pode ser compreendida enquanto uma criação masculina. Em alguns momentos que antecederam a realização do programa, me vi tentando, justificar moralmente os “crimes” e assassinatos de Lilith, e fui alertada por minha parceira, também mestranda em artes da cena, Adriana, de que isso não possuía lógica nenhuma, uma vez que ela não é uma personagem psicológica e as ações míticas não precisam de uma justificativa moral. Isso me fez perceber o momento em que as análises racionais deveriam ser postas de lado, para que a própria ação me propicia-se as descobertas.

Estar vestida de nua é assumir o corpo feminino enquanto pele, mas também cria uma tensão entre esse corpo biológico X corpo indenitário. Onde a pele que eu visto não é composta só de células mas também de subjetividades. Ser mulher cisgênero é “ocupar um espaço” é tão performativo quanto ser uma mulher transgênero por exemplo. É também uma provocação às recentes manifestações⁸ moralistas e pudicas dos defensores de um retrocesso, para aqueles que não suportam um corpo nu que esteja fora das tão citadas e

⁸Em Setembro de (pleno!) 2017 houveram duas manifestações nas redes sociais uma acusava a exposição Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, em cartaz no Santander Cultural de Porto Alegre, de apologia à pedofilia e zoofilia e blasfêmia contra símbolos religiosos. A exposição foi fechada e em seguida vetada pelo Prefeito Marcelo Crivella (PRB) de ocorrer no Museu de Arte do Rio (MAR). Outra onda de manifestações moralistas ocorreu devido a presença de uma criança, acompanhada pela mãe em uma Performance no MAM –SP, onde o artista e performer carioca Wagner Schwartz, fica nu, e é tocado espontaneamente no braço pela menina. Na ocasião o artista apresentava “La Bête”, performance que realiza desde 2015 a partir da leitura da série Bichos, de Lygia Clark.

hipócritas quatro paredes, e que não conseguem dissociar nu de sexo, é que me visto de pelada, quem sabe assim, abaixo de uma segunda pele, é possível que componham outras associações.

As maçãs do amor, que chamo e ofereço aos participantes como fruto do desconhecimento, também possuem para mim, o valor simbólico de uma recriação. Se o fruto do conhecimento foi o que nos fez perceber o mundo por oposições e dualidades, criando uma cisão que a nós cega para a unidade, se esse modo de percepção inicia-se no universo religioso e de perpetua na ciência positivista, como um conhecimento que nos influencia até os dias de hoje, que seja possível nos alimentarmos de um desconhecimento; assumirmos o nosso não-saber para que isso nos dê margem para sermos e criarmos outras imagens, outros conhecimentos, outras realidades.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961. 309 p.

BOECHAT, Walter (org.). FUENTES Lygia. *A Alma Brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 251 p. ISBN 978-85-326-4861-7

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 236 p. ISBN 978-85-200-0611-5.

CORSO, Diana. *O insuportável do corpo feminino*. Programa Café Filosófico. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oHiLo8nTyT0> > acessado em 25/02/2018.

DIÉGUEZ, Ileana. *Cenários Liminares: teatralidades, performance e política*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FABIÃO, Eleonora. *Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*. Sala Preta, v.8, São Paulo, ECA-USP, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

HILLMAN, James. *O Mito da análise: três ensaios de psicologia arquetípica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JUNG, Carl Gustav, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LUGONES, María. *Rumo à um feminismo decolonial*. Revista Estudos Feministas, V.22, n° 3, Florianópolis, 2014.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SILVA, Franklin Leopoldo. Lévinas: Ego e Distanciamento/Franklin Leopoldo e Silva. Canal do You Tube “Casa do Saber”. Publicado em 24 de Abril de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uxWBzOVQ6-o> Acessado em 05/04/2018.